



O DESEJO COMO RESPOSTA AO FASCISMO

Bianca Coutinho Dias

Imagens | José Fernandes

(detalhe: De corpo inteiro 1, 2015, acrílica s/ tela)

Polichinello

Foi Jacques Lacan quem afirmou, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, que o desejo tem necessidade de transgressão. Seu pensamento confirma o que diz Bataille no magistral livro “O erotismo”: o interdito está aí para ser violado - o desejo, com suas diversas possibilidades de erotizar o mundo e desburocratizar os afetos, já se funda e traz em sua origem uma resposta ao fascismo.

A psicanálise surge na insurreição e na insubordinação à verdade pronta. Surge também como território que abriga aquilo que insiste na singularidade e não encontra adequação. E continua se sustentando na irreverência contínua às formas instituídas, confrontando o sujeito com a coragem de colocar o pé no seu litoral e, assim, produzir uma escrita que o singularize diante desse mar de certezas impostas. O sujeito da psicanálise é, portanto, esse ser que não se conforma com as burocracias instituídas, que precisa inventar um território radical e único, que rompe com os campos anestesiados pelo senso comum, pelas lógicas de poder e pelas práticas de exceção na contemporaneidade.

Porém, lá onde a vida biopolítica foi presa nas tramas da lei e nas transversalidades dos poderes, onde a diferença é vista como ameaça e, assim, evitada, podemos invocar as respostas pulsantes aos microfascismos: a psicanálise como prática do desejo; a poesia e a arte como formas de abrir frestas no discurso, maneiras ativas de criar descontinuidades, de se arriscar no abismo.

Não há revolta sem a alegria da invenção. Por isso, para Walter Benjamin, a verdadeira catástrofe é que as coisas continuem como antes. É na convocação que suporta o inacabado na contramão dos espaços de obediência e de servidão voluntária, que podemos manter a ideia de um amanhã como um informe.

A psicanálise produz um retorno do real que traumatiza o sistema instituído, já que dissolve o encantamento petrificante das ideologias do poder. Junto da arte e da poesia, se coloca em deriva na indeterminação do percurso, numa viagem sujeita a todas as surpresas.

Esse real que retorna é o que nos coloca diante do limite do dizível, do imponderável, do desassossego radical. É o que, ainda segundo Bataille, faz

roçar o limite pela primeira vez ao excedê-lo, é a dimensão do impossível de onde se pode criar um possível na desmedida da transgressão.

Em geologia, transgressão é um movimento do mar que transborda nas áreas continentais vizinhas. Movimento de ultrapassagem, de excesso, aparente apagamento de um limite que, no entanto, está sempre lá. Força que pode, portanto, reinventar mundos e produzir novas configurações.

O pensamento poético é essa força que revigora a língua e toca nos limites do dizível. É um pensar contra o fascismo, que abre a couraça das estratégias de controle que visam aplainar a errância e a singularidade, que pretendem tomar a todos como o mesmo.

Para Bataille, a transgressão é, em primeiro lugar, uma violência contra a ordem do mundo - a ordem do trabalho e a ordem sexual - que presume uma conduta bem organizada e submetida a regras precisas. É o desejo de limites e de ir além dos limites: a transgressão ultrapassa e nunca para de recomençar a ultrapassar.

No "Préface à la transgression", Foucault disse que a transgressão é um gesto que diz respeito ao limite, e é nessa linha delgada que se manifesta o relâmpago de sua passagem. Aos olhos de Lacan, a transgressão é como uma porta entreaberta, mas "ver uma porta entreaberta, não é atravessá-la".

Em suas diversas vertentes, o fascismo não vem dizer de um limite, mas de uma ideia totalitária, sem furos. Chega de cima para baixo como forma de dominação entre regulamentos, bulas, estatutos e manuais de instruções. A transgressão trazida pela psicanálise, pela poesia, pela arte ou pelos discursos que abrigam em seu cerne a estranheza, a descoincidência e a não-paridade, carrega a potência do acontecimento onde eclode o sujeito como possibilidade de transformação, de descoberta de um outro modo de estar na linguagem ou de refazer a língua da vida.

A transgressão que a irrupção do desejo traz representa o imprevisto, a única possibilidade de sair do cálculo, da alienação. Para Lacan, a transgressão é um estratagema para poder gozar, mas com a condição de admitir a castração. É uma forma de aceitar um gozo que passa, ao mesmo tempo, pelo corpo e pela linguagem. É um gozo "insatisfeito", pronto a aceitar o oxímoro. Obscura

clareza que instaura uma ação onde a vida se aproxima da poesia, fazendo ruir a ditadura do sentido numa poética do informe que pretende dissolver as estruturas cristalizadas, para proporcionar a irrupção do novo. Trata-se de uma recusa a uma prática da representação, em prol de um pensamento que tem por objetivo agir contra as formas fixas, submetendo-as a um processo de renovação.

Assim faz Artaud de forma brilhante, partindo de um corpo completamente esfacelado, alijado do discurso, submetido a torturas e constrangimentos de asilos psiquiátricos. Um corpo que será preciso reconstruir sobre novas bases, esvaziado de suas funções puramente orgânicas, para que possa receber e suportar a linguagem que é produtora do poeta, que se define para além da necessidade de sentido e do mesmo corpo para todos.

A psicanálise, a poesia e a arte, como barragem ao fascismo, encarnam o lugar de agentes de inquietação e de desagregação das formas. São maneiras de colocar em ação um pensamento poético, uma vez que apresentam o dissenso e furam a necessidade de representação imposta pelos regimes totalitários.

Didi-Huberman diz do poder violento da arte como uma "beleza estranha e única", já que as imagens artísticas carregam em si uma potência transformadora e inquietante que age sobre o campo do conhecimento, produzem efeitos de não-sentido e rompem com formas fixadas, colocando em xeque o pensamento único e acolhendo o enigma e o desassossego.

Em Octávio Paz, essa compreensão se aplica à palavra poética. A linguagem, na poesia, rompe a sua qualidade comunicativa, deixando de servir apenas ao objetivo de representar a realidade para expandir, transfigurar e transgredir qualquer aprisionamento da palavra.

Precisamos de um pensamento poético que possa produzir um fazer político no sentido pleno da palavra. A condição do pensamento poético é justamente o risco, o corte, o rasgo. Precisamos responder ao fascismo com esse grito para além do sentido que a psicanálise, a arte e poesia encarnam.

Bianca Coutinho Dias. Psicanalista lacaniana, crítica de arte, coordenadora do núcleo de investigação em arte e psicanálise do Instituto Figueiredo Ferraz.
